

UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DOS FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O MAL-ESTAR E O BEM- ESTARDOS PROFESSORES QUE TRABALHAM COM EAD

JULHO /2008

Sueli Wolff Weber

Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC

F2sww@udesc.br

F – Pesquisa e Avaliação

3 - Educação Universitária

B- Descrição do Projeto em Andamento

1- Investigação Científica

Resumo: *O texto trata do projeto de pesquisa “Uma investigação acerca dos fatores que contribuem para o mal-estar e o bem-estar dos professores que trabalham com EaD”, apresentado à Coordenação do Curso de Pós graduação da PUC-RG como tese para o doutoramento. O cenário de investigação é o Curso de Pedagogia oferecido aos professores catarinenses de Séries Iniciais e de Educação Infantil na modalidade a distância, pela Universidade do Estado de Santa Catarina-UDESC, no período 1999-2007. A pergunta orientadora da pesquisa busca levantar os fatores de bem-estar e mal-estar docente, a partir da análise do “corpus” da pesquisa, constituído dos textos elaborados pelos sujeitos, os professores do referido Curso. Tem como objetivo identificar, a partir dos relatos dos docentes, se os conflitos e tensões que interferem no “animus” dos professores, provocando o mal-estar docente, acontecem em menor grau ou inexistem na docência em EaD, ou seja, se a docência na EaD oportuniza, mais do que o ensino presencial, a satisfação e o bem-estar dos professores. A análise textual discursiva é o referencial metodológico. O estudo contempla uma amostra de 12 professores e focaliza aspectos significativos no que diz respeito à formação de professores, para atuarem na docência em EaD.*

Palavras - chave: Educação a Distância, docência na EaD, vida pessoal e profissional, valorização do professor, bem-estar/mal-estar docente

1 - Introdução

Nos últimos tempos, o professor, enquanto pessoa, tem-se constituído em significativo tema de pesquisas que focam a inter-relação entre a sua vida pessoal e profissional, definem-se como objeto de pesquisa, as características pessoais, as vivências profissionais, as histórias de vida, a construção de identidades e outras.

O reconhecimento da interferência da dimensão pessoal na vida profissional tem, pois, ampliado os estudos e pesquisas sobre o tema, em muitos países. No Brasil, o interesse por ele é muito recente. Os poucos estudos e pesquisas realizados em nosso país têm se concentrado nos professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Raros são os estudos sobre a dimensão pessoal dos docentes universitários. E, em relação aos professores que atuam no ensino superior a distância, não há, ao que parece, pesquisas sobre o tema.

Até certo ponto, isto é compreensível, uma vez que somente com a aprovação da LDB-Lei 9.394-96, a Educação a Distância-EaD foi reconhecida oficialmente em nosso país, e assim mesmo, sem muita aceitação por parte da comunidade acadêmica, pois, um grande número de educadores fizeram (e, ainda fazem) resistência a essa modalidade de educação. Alguns por não acreditarem nas possibilidades da EaD em assegurar um ensino de qualidade, outros, resistentes à mudança.

Toda a demanda por educação só será possível de ser atendida, se os órgãos públicos investirem seriamente nas instituições educacionais presenciais, sobretudo nas universidades, e criarem novas modalidades de educação, como a EaD, mas há os que não têm dúvidas quanto às possibilidades da EaD de oferecer educação de qualidade aos estudantes, desde que, na sua implantação/implementação não sejam ignoradas as especificidades dessa modalidade e, sobretudo, o preparo dos professores, tendo em conta os seus sentimentos, o contexto de suas trajetórias como pessoas e como profissionais .

Entendo que tais docentes acostumados aos métodos convencionais, diria, a uma prática educativa tradicional, diante de uma proposta inovadora de educação, podem encontrar na EaD um espaço de trabalho prazeroso, criativo, como também podem vivenciar uma experiência de mal-estar docente, ou seja, podem encontrar na EaD as mesmas dificuldades, ansiedades, tensões, conflitos, tal como ocorrem na educação presencial.

Neste sentido, penso que, no momento em que a EaD vem se expandindo muito rapidamente no Brasil, ser oportuno tomar ciência de como os professores estão se sentindo no exercício da função docente na EaD, com o fim de se detectar problemas que possam se tornar crônicos como os que acontecem no ensino presencial.

Como educadora que atua na formação de professores para as séries iniciais e educação infantil e tendo recentemente participado de uma experiência num curso de formação de professores, para esses níveis de ensino, na modalidade a distância, procuro buscar respostas a essa preocupação, no sentido de

identificar a satisfação ou insatisfação dos docentes que trabalharam no referido curso.

Tive a oportunidade de constatar em minha vivência que a maioria dos docentes manifestavam permanentemente um estado de bem estar e satisfação pessoal e profissional, e que apenas um pequeno número deles demonstrava mal-estar e insatisfação no trabalho, daí a razão de compreender o fenômeno do bem-estar/mal-estar dos docentes e os fatores determinantes dos mesmos.

Diante dos fatos, o questionamento para a pesquisa:

Quais os fatores que contribuiram para que os docentes do curso de Pedagogia na modalidade a distância (EaD) manifestassem a sensação de “bem-estar” ou “mal-estar”?

Assim, a pesquisa teve como objetivo geral o de identificar, a partir dos relatos de docentes do Curso de Pedagogia na Modalidade a Distância, se os conflitos e tensões que interferem no “animus” dos professores, provocando a insatisfação profissional, ou seja, o mal-estar docente, acontecem em menor grau ou inexistem na docência em EaD, ou seja, se a docência na EaD oportuniza, mais do que o ensino presencial, a satisfação e o bem-estar dos professores.

Tão intensa foi essa experiência para mim e acredito, para a grande maioria dos professores que dela participaram, que busco, no presente trabalho, apreender este contexto que deixou em nós suas marcas, e que penso precisa ser compreendido e explicitado pelas pessoas que dela participaram, por ter significado a luta de profissionais que acreditam nas possibilidades educacionais da EaD e vivenciaram essas possibilidades com a paixão e o compromisso de educador.

Pretendo com este estudo, ao contrário das pesquisas sobre a profissão docente, que tem priorizado a abordagem do mal-estar docente, apontar não os vieses da profissão, mas enfatizar o bem-estar, a satisfação pessoal e profissional, mostrando os aspectos positivos do trabalho docente na EaD, por entender que se deva no atual momento histórico formar uma visão mais positiva do professor.

A presente pesquisa se justifica, em razão da atualidade do tema, sobremaneira, quando presenciamos uma expansão vertiginosa da EaD em nosso país.

A relevância do projeto reside, também, na tentativa de se buscar elementos teóricos-metodológicos que possam colaborar para uma maior compreensão da EaD e da prática docente nessa modalidade de educação, contribuindo desta forma para a revisão das políticas de formação docente.

Penso que ao registrar os fatores que influenciam para o bem-estar do professor em EaD, possam servir de reflexão e contribuição para uma docência mais prazerosa também no ensino presencial. Acredito que toda contribuição embasada em pesquisa que possa colaborar para se criar uma ação mais

efetiva, em qualquer modalidade de educação, em qualquer nível de ensino, certamente dará um retorno social válido.

Enfim, a pesquisa não tem a pretensão de esgotar o tema dada a complexidade do mesmo, porém cultiva, a esperança de que possa contribuir para que outros pesquisadores igualmente se interessem pelo assunto, que se multipliquem as vozes que crêem que é possível se criar novos espaços de aprendizagem onde predomine o prazer e o bem-estar no trabalho, tal como acredito, seja possível tanto na EaD, quanto na Educação Presencial.

2 - Mal-Estar/Bem- Estar na Docência.

Para realizar a pesquisa, Mal-Estar/Bem-Estar, pautei-me nos estudos realizados pelos educadores Esteve (1987) e Jesus (1998), respectivamente, educadores da Espanha e Portugal, que vêm desenvolvendo trabalhos sobre o tema nesses países e reconhecidos em vários países da Europa e também no Brasil, como pesquisadores que vêm contribuindo para uma maior compreensão desse fenômeno, preocupante, característico da nossa época.

Busquei, também, referências teóricas nos estudos e pesquisas realizados no Brasil pelos educadores Mosquera e Stobäus (2005), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS, que têm se dedicado ao estudo do tema, juntamente com outros professores desta Universidade e de outras no referido Estado. Também os estudos de Lipp (2002), Bianchetti e Machado (2006), voltados para os professores de Pós-Graduação são referência no presente trabalho.

Dado a abrangência do tema Mal-Estar : Bem-Estar docente, neste texto, procuro apenas focar o **Mal-estar docente**.

O “mal-estar docente” é um fenômeno que vem se instalando nos professores e preocupa todos aqueles que acompanham e buscam soluções para a melhoria da educação. É um fenômeno da nossa época constatado em professores de vários países da Europa e do mundo, incluindo o Brasil.

Para Jesus (2007, p.7), educador português, o mal-estar docente é um problema que afeta muitos professores com implicações negativas, especialmente sobre a qualidade do ensino, o que leva à necessidade de ser investigado com vistas a se encontrar possibilidades que possam contribuir para a sua prevenção e resolução, de modo a favorecer o bem-estar docente.

Na sua concepção, o mal-estar docente é resultado da insatisfação profissional, do estresse, do absentismo, do reduzido empenho no trabalho, do desejo de abandono da profissão docente, que se pode traduzir em situações de maior gravidade em estados de exaustão e de depressão e se faz presente em maior grau em profissionais docentes do que naqueles que exercem outras profissões.

Esteve (1994), educador espanhol que também se preocupa com a situação dos professores, destaca que o mal-estar é um fenômeno gerado pelo

despreparo do professor, para enfrentar mudanças que exigem dos professores uma nova postura profissional, uma outra compreensão do que é aprender, do que é ensinar. Não se constitui um problema individual, mas social e coletivo, que afeta todos os docentes.

Observa esse autor, que o trabalho dos professores muda radicalmente, no entanto, não mudam os componentes principais que permitiriam a eles repor o equilíbrio perdido, tais como as condições de trabalho, os programas de formação inicial, que continuam presos a um sistema inalterado que prepara os professores para um tipo de educação que deixou de existir.

Entre os fatores desencadeadores do “mal-estar” na docência, Esteve (1987) destaca: as preocupações diferentes daquelas do ato de ensinar, as contestações e contradições quanto ao seu papel diante de uma sociedade em transformação que exige do professor novas posturas; a falta de consenso como deve ser o professor; a desvalorização da imagem do professor por parte da sociedade, manifestada pela falta de apoio à categoria e pelos baixos salários, inferiores ao status de outros profissionais com o mesmo nível de formação. Esses problemas, aliados ao depauperamento das condições de trabalho, afetam a eficiência do professor, a sua auto-imagem e auto-estima, a motivação para o trabalho, gerando tensões associadas a sentimentos e emoções negativas. Em resumo, são desencadeadores de mal-estar e de insatisfação profissional.

Estudos realizados no Brasil sobre o mal-estar docente dos professores que atuam na educação presencial, a exemplo dos elaborados por Mosquera e Stobäus (2005), Lipp (2002) e Bianchetti e Machado (2006), relatam o sofrimento dos professores brasileiros que se expressa em níveis de mal-estar elevados, de problemas de saúde física e mental.

Para Mosquera e Stobäus, a história de vida pessoal está estreitamente unida a uma história de vida profissional, as duas se alimentam uma da outra, daí esses autores enfatizarem a importância de se conhecer melhor os sentimentos dos professores, seus anseios, suas expectativas, suas necessidades. Estudos e pesquisas desses autores chamam a atenção para a importância do desenvolvimento saudável da personalidade para os estudos pedagógicos. Apontam a necessidade de se entender como os sentimentos se manifestam e como influenciam nosso cotidiano e, principalmente, a vida dos professores.

Para Mosquera e Stobäus (1996, p.141), “o mal-estar docente é uma doença social que provoca a doença pessoal, causada pela falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos de ensino, como nas compensações materiais e no reconhecimento do status que se lhes atribui”.

Pesquisa realizada por Stobäus, Mosquera, Missel e Santos (2005, p. 356) com professores universitários de três instituições do Rio Grande do Sul/Brasil: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS, instituição de cunho confessional, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, e a Universidade de Santa Cruz do Sul, instituição comunitária UNISC, selecionados pelo critério “ser docente de futuros professores”, ou seja, professores de didática nos cursos de licenciatura, apresentou, entre os resultados preliminares, o sentimento de medo de alguns professores de serem substituídos na função docente, pela máquina. Uma preocupação que até certo ponto se justifica dado o desprestígio social dos professores diante

dos estimulantes e ricos recursos tecnológicos educativos, disponibilizados hoje, que tornam cada vez mais fácil o acesso ao conhecimento e à informação.

Pesquisa realizada por Bianchetti e Machado (2006), no Brasil, com professores-pesquisadores, intitulada “Reféns da Produtividade” sobre Produção do Conhecimento, Saúde dos Pesquisadores e Intensificação do Trabalho na Pós-Graduação”, nos mostra que as novas exigências de produção implantadas pela CAPES, a partir da última década do século XX, estão afetando a saúde desses profissionais. O aumento da produção científica brasileira fez o país ingressar nos rankings internacionais como gerador de conhecimento, mas à custa de um enorme desgaste emocional das pessoas envolvidas.

A política de “*mais produção em menos tempo*”, adotada pela CAPES, afirmam, “implicou no prolongamento e intensificação da jornada de trabalho dos orientadores/pesquisadores, tornou-os escravos de um grande chefe invisível: a economia de mercado, a *flexploração*”(Bourdieu, 1998), e “consegue criar cumplicidade inclusive entre pares, identificados numa espécie de servidão voluntária coletiva (La Boétie, 1986.)

Concluem esses pesquisadores que “a profissão vem se configurando como de alto risco para a saúde física e mental e permeabilizando perigosamente as fronteiras entre vida privada e vida profissional”.(Bianchetti e Machado, 2006, p.8). Também Lipp (2002), ao estudar o estresse dos professores de pós-graduação, constatou entre as fontes de estresse a modernização da tecnologia, as exigências excessivas quanto à produtividade do professor.

Lipp (2002) observa que a modernização da tecnologia é um estressor presente na vida de quase todos os professores de pós-graduação. Professores muito capazes e inteligentes, ainda lutam com grande dificuldade com computadores, *data shows* e Internet, o que ela caracteriza como *tecnostress*, também chamado de *stress high tech*, ou seja, o stress gerado pelo avanço tecnológico.

Além disso, observa que os professores são submetidos às exigências dos programas de pós-graduação em termos de apresentações em congressos, divulgação do conhecimento ao leigo, desenvolvimento de patentes, etc., mas também que tenham uma alta produtividade em termos de publicação de artigos científicos. Estas exigências são consideradas pelos professores como excessivas, principalmente no que se refere aos professores pesquisadores mais experientes, que gerenciam projetos de pesquisa de ponta de longa duração. Esses projetos duram freqüentemente três ou quatro anos, mas o professor é pressionado a publicar vários artigos por ano o que significa mais tempo, atenção e compromissos do professor-pesquisador no seu cotidiano. Além disso, tem a preocupação com a obrigatoriedade de publicar no exterior.

Como podemos observar, os professores do ensino presencial superior, a exemplo do que acontece com os professores do Ensino Fundamental e Médio, estão diante de uma série de dificuldades na vida profissional que precisam ser enfrentadas, pois, são geradoras de mal-estar docente.

Esses problemas são decorrentes da mudança social, que obriga os professores a mudarem seus papéis no processo de ensino, muitos sem saberem como se adaptarem a estas mudanças, nem tampouco as administrações educativas se preocuparam em criar estratégias de adaptação, sobretudo nos programas de formação do professor, que continuam em muitos casos, desvinculados da realidade social.

Muitas das soluções estão fora do alcance do professor, são problemas sociais que requerem respostas sociais (Esteve,1987). A falta de apoio, as críticas ao professor, a subvalorização da formação docente, incidem diretamente sobre a ação do professor, gerando indiscutivelmente, tensões associadas a sentimentos e emoções negativas que constituem a base empírica do mal-estar docente. São esses fatores de mudança, caracterizados por Esteve (1987), como de “*primeira ordem*”.

Além desses fatores, Esteve (1987) aponta os de “*segunda ordem*”, estes referem-se às condições ambientais, ao contexto em que a docência é exercida. Estes fatores interferem de forma indireta, afetam a eficácia docente ao promover uma diminuição da motivação do professor em seu trabalho, de sua implicação e de seu esforço. Geram no professor, sentimento de desconcerto e de impotência uma vez que estão fora do raio de ação da intervenção individual de um professor.

Fatores de primeira e de segunda ordem, apontados por Esteve (1987) foram também encontrados entre os professores brasileiros, conforme apontam as pesquisas que citamos no presente texto. Resta-nos saber se esses fatores também estão presentes entre os professores da educação a distância e, em que medida, os estão afetando pessoal e profissionalmente.

3 - Metodologia

A presente pesquisa insere-se no paradigma interpretativo, uma vez que seu objetivo básico é compreender qual o sentido e o significado da prática docente para os professores que atuaram no Curso de Pedagogia na Modalidade a Distância. Busca compreender o trabalho docente no referido Curso, a partir da identificação dos fatores que contribuíram para o bem/mal-estar, a satisfação/insatisfação dos sujeitos.

Como metodologia de análise, adota a Análise Textual Discursiva como ferramenta analítica, baseada nas produções de Bardin (1977) e Moraes (2007). Na perspectiva desses autores, a Análise Textual Discursiva é articulada em três momentos: *descrição*, na qual se destacam as características do texto; a *interpretação*, que corresponde à significação concedida a essas características, e a *inferência* que permite passar de forma explícita e controlada, da descrição e da interpretação.

A coleta e a análise dos dados, feita de acordo com Moraes (2007), segue, portanto, as seguintes etapas: **a) Organização do corpus da pesquisa.** Esse será constituído **a partir dos depoimentos dos docentes** e será organizado de forma que sua manipulação seja facilitada. **b) Definição das unidades de sentido.** Para isso, inicia-se a desconstrução dos textos (unitarização),

destacando-se seus elementos constituintes. **c) Definição de categorias.** Será utilizado o processo de análise misto, ou seja categorias a “priori” e categorias a “posteriori”(emergentes). **d) Produção do metatexto.** Explicitação das compreensões e construções iniciais. **e) Produção do texto final** (Teorização).

4- Os Sujeitos da Pesquisa–Participaram desse estudo 12(doze) professores cujas idades variaram entre 33 a 64 anos, sendo 4 (quatro) professores e 8 (oito) professoras, sendo 2(dois) professores solteiros, 7(sete) casados e 3(tres) separados. Com relação a titulação acadêmica, à época que eram docentes na EaD da UDESC, 1(um) professor tinha formação em nível de Pós-Graduação em Educação-Doutorado; 2(dois) professores Mestrado em História; 2 (dois) professores Mestrado em Filosofia; 1(um) professor Mestrado em Sociolinguística; 2 (dois) professores Mestrado em Psicologia; 1 (um) professor Mestrado em Linguística Aplicada. Em nível de Especialização, 3 (três) professores tinham formação nesse nível, sendo um 1 (um) em Educação, 1(um) em Educação Física e 1(um) em Psicopedagogia. O tempo de atuação no Magistério Superior Presencial variou entre nenhuma experiência a 25 (vinte e cinco) anos, portanto, dos 12 (doze) professores, apenas 1(um) não havia ainda lecionado no Ensino Superior.Os 12(doze) professores também não haviam ainda trabalhado com Educação a Distância, tendo sido no Curso de Pedagogia da UDESC, a primeira experiência desses professores.

5- Resultados Preliminares

Os dados que apresento, em seguida, são preliminares, uma vez que há pouco concluí a coleta dos dados, estando, assim, a pesquisa na fase da Unitarização, conforme a metodologia de análise adotada.

Numa tentativa de síntese dos resultados das entrevistas, destaco alguns dos comentários dos professores.

Quando se questionou o professor sobre **o sentido e o significado do trabalho coletivo e cooperativo na EaD**, as respostas dos 12 professores giraram em torno da importância para o crescimento pessoal e profissional, o quanto o trabalho coletivo e cooperativo ajudou-os a crescer profissionalmente. *“Aprendi muito com os outros professores, com os alunos com os técnicos”;Cresci por meio desta perspectiva”; “significou o enriquecimento de minha prática”, “ a quebra de paradigma, já que no modelo presencial tradicional o professor trabalha de forma isolada e individual”; “aprendi a trabalhar com as diferenças”; “significou a formação de uma nova consciência”; “um pulo de qualidade na minha formação”, “aprendizado sob todos os aspectos”; “Trabalhar em equipe, pensar em equipe, escrever em equipe, ministrar aulas em equipe compuseram um conjunto de fatores que me fez negociar todo o tempo, posicionamentos teóricos e epistemológicos, me desafiou a construir outras formas de lidar com o ser humano e me fez amadurecer no sentido de aprender a me filiar a idéias e não a pessoas”.*

Quando falam sobre as **emoções e os sentimentos experimentados como docente na EaD**, expressam por um lado, sentimentos de alegria, prazer, satisfação, orgulho, valorização profissional, espírito de grupo, respeito, solidariedade, admiração, e por outro, tristeza, pesar, desânimo, frustração, indignação, raiva. Alegria ao perceberem o *“interesse dos estudantes, o progresso fantástico”* deles, *“por estar contribuindo para o crescimento dos professores”, “por sentir a gratidão dos alunos pela oportunidade única que estavam tendo na vida”, “alegria e orgulho, “cada vez que um material novo era produzido e impresso”* Orgulho *“ao chegar nas cidades e ver a auto-estima elevada de todos diante da Universidade; “satisfação de trabalhar em um projeto novo e em construção”, “perceber a importância social de um projeto que estava realizando o sonho de milhares de pessoas”* ;tristeza pela saída do CEAD\UDESC com o término do contrato”, *“pelo desmantelamento do projeto por problemas de ordem política na Instituição; “indignação com os novos gestores admitidos politicamente que questionaram a competência dos profissionais do CEAD, sem conhecimento sobre a EaD e sobre o trabalho que estávamos desenvolvendo”; “sentimento de impotência, de raiva, ao presenciar o Curso sendo extinto por questões políticas partidárias”.*

A esses sentimentos juntam-se as **questões que incomodaram** os professores, como *“a falta de perspectiva de futuro do CEAD em razão das mazelas políticas, que deixaram de lado os interesses coletivos para servir os interesses pessoais de poucos”; a falta de uma política voltada para uma educação verdadeiramente inclusiva”, “o embate de poder institucional”a incompetência na gestão; o estigma com que muitos docentes vêem o processo e, a despeito disso, rendem-se a ele por razões econômicas; a concepção de muitos alunos de que, nessa modalidade não é preciso estudar”; “a competitividade entre colegas e a falta de empenho demonstrado por alguns profissionais em relação à especificidade desta modalidade”*

Quando comentam sobre os **momentos ou fatos significativos na docência** no Curso de Pedagogia que levaram à satisfação profissional, colocam: *“os momentos presenciais com os alunos sempre foram muitos significativos pelo fato de propiciarem a troca de experiências, a constatação do interesse dos alunos pelo Curso, a reavaliação dos recursos pedagógicos”, “todas as aulas presenciais que dei” e todas as videoconferências que fiz, foram motivos de muita satisfação profissional”, “os estudos em equipe”, “os encontros com os tutores e com os estudantes, pelos debates, a satisfação demonstrada quando uma produção era finalizada”; os fóruns onde eram apresentados relatos de experiência dos estudantes na área de extensão”, “o grande estímulo por parte das coordenações- do CEAD e do Curso-para os professores realizarem pesquisas, as divulgarem e participarem de eventos na área”, “ verificar a evolução da habilidade da escrita nas provas dos alunos, “o desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes”;“a interdisciplinaridade entre as diferentes equipes”; o “relato emocionado dos alunos sobre a transformação da sua prática pedagógica, sobre a bagagem adquirida”; ter sido testemunha da evolução na construção do conhecimento pelos estudantes”, “o espaço de trabalho e a confiança que me foram dados, a oportunidade de exercitar a criatividade, o acesso às novas tecnologias da informação e comunicação e as trocas realizadas entre pessoas com semelhante entusiasmo e credibilidade” .*

Momento ou fatos significativos, mas que determinaram a insatisfação dos professores são também explicitados: *“o momento de intervenção na instituição, momento de regras não claras, de incerteza, de desmotivação, de ameaças”; “ingerência político-partidária”; “críticas infundadas na própria instituição, provenientes do ensino presencial”, falta de profissionalismo de alguns colegas”; não compromisso de profissionais com poder de decisão em relação à EaD; o desmonte do CEaD e a desativação do Curso; a substituição dos responsáveis por postos chaves por pessoas sem conhecimento qualificação e compromisso com o projeto;*

6- Considerações Finais

Investigar a existência de fatores desencadeadores do mal-estar nos professores do Curso de Pedagogia na Modalidade a Distância possibilita conhecer mais profundamente os sentimentos que permeiam a docência na EaD e abre espaços para que novas pesquisas sejam realizadas com resultados que possam se constituir em subsídios para melhor se definir a docência nesta modalidade de ensino.

Ao realizar a presente pesquisa, tinha como intenção verificar que fatores são desencadeadores do mal-estar/bem-estar docente, tendo como campo de estudo o Curso de Pedagogia na Modalidade a Distância, desenvolvido pela UDESC, uma universidade pública, pioneira no Estado de Santa Catarina na oferta de um curso de graduação - licenciatura plena - na Modalidade a Distância.

A análise inicial das falas dos sujeitos permite-me concluir que o trabalho na EaD se desenvolveu em meio a momentos de bem-estar e satisfação profissional e momentos de mal-estar e insatisfação profissional. Um primeiro momento marcado pelo bem-estar e satisfação profissional, e um segundo momento de mal-estar e insatisfação profissional, marcado por problemas políticos que tumultuaram o dia-a-dia da instituição com conseqüências nefastas para o Curso e para os professores.

Crescimento profissional, respeito e valorização pessoal e profissional, o “construir juntos”, trabalhar coletiva e cooperativamente, experimentar uma nova forma de diálogo, de interação, o ensinar/aprender constante, a motivação dos alunos, oportunidade de capacitação continuada do professor, o espírito de grupo, respeito, solidariedade, admiração, a interação com alunos de culturas diferentes e singulares, os momentos presenciais significativos com os estudantes e os tutores, a percepção do interesse e do progresso dos estudantes, a percepção da sua constituição como docente da EaD, são sentimentos manifestados pelos professores e que indicam o prazer, a alegria, a satisfação desses professores com a Educação a Distância e que caracterizam o primeiro momento.

A falta de uma política para a EaD e a desestruturação provocada pela interferência político-partidária de todo um trabalho pedagógico construído coletivamente, são apontados como questões que incomodaram o professor na EaD, desencadeando mal-estar na docência, marcando o segundo momento.

Como se vê, a docência em EaD, em si, propicia o bem-estar profissional, desde que não seja afetada por fatores externos, sobremaneira, dos que não acreditam nela e dos que interferem partidariamente com objetivos escusos.

Isto posto, entendo ser a EaD uma modalidade educativa que, pela sua natureza, é preditora de bem-estar e satisfação pessoal e profissional para aqueles docentes que compreendem a docência como um processo de construção coletiva e cooperativa do conhecimento, como compartilhamento com o outro de idéias e sentimentos, como realizações mútuas, criativas e cooperativas. Que possibilita aprendermos a nos tornar cooperativos, interativos, participativos, conectivos na vida profissional e pessoal.

A docência na EaD envolve as dimensões do “conhecer”, “do aprender” e do “conviver”, dimensões que se conjugam, para criar e estabelecer uma atmosfera de relações harmoniosas e de bem-estar, mantendo o professor envolvido e motivado, para buscar seu aperfeiçoamento pessoal e profissional

Em síntese, os dados até aqui coletados, permitem-se dizer que a EaD é preditora de bem-estar e satisfação profissional.

REFERÊNCIAS

ARETIO, Lorenzo G. **La educación a distancia: de La teoria a La práctica.** Barcelona: Editorial Ariel, S.A., 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância.** Campinas, São Paulo; Autores Associados, 2006.

ESTEVE, José M. **El malestar docente.** Barcelona: Ediciones Paidós, 1994.

ISAIA, Silvia Maria de Aguiar. **Professor do ensino superior: tramas na tessitura.** In MORAES, Roque e GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

MOSQUERA, Juan José Mourino; STOBÄUS, Claus Dieter. **O mal-estar na docência: causas e conseqüências.** Educação PUCRS, Porto Alegre, ano XIX n. 31, p. 139-146, 1996.

MOSQUERA, Juan José Mourino; STOBAÜS, Claus Dieter; SANTOS, Bettina Steren dos; MISSE, Fabíola de Azevedo. **O mal-estar docente perante o uso das tecnologias de informação e comunicação.** REICE Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficácia y Cambio en Educación. n. 1, v. 3, p. 344- 358, 2005

